

**Arquivo
quer público**

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 25/26
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



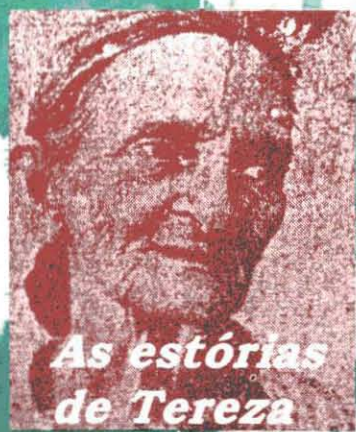
**Belém é
saudade**



**O mundo
e os
fins de
Cardoso**



**Os
versos
de
Quintina**



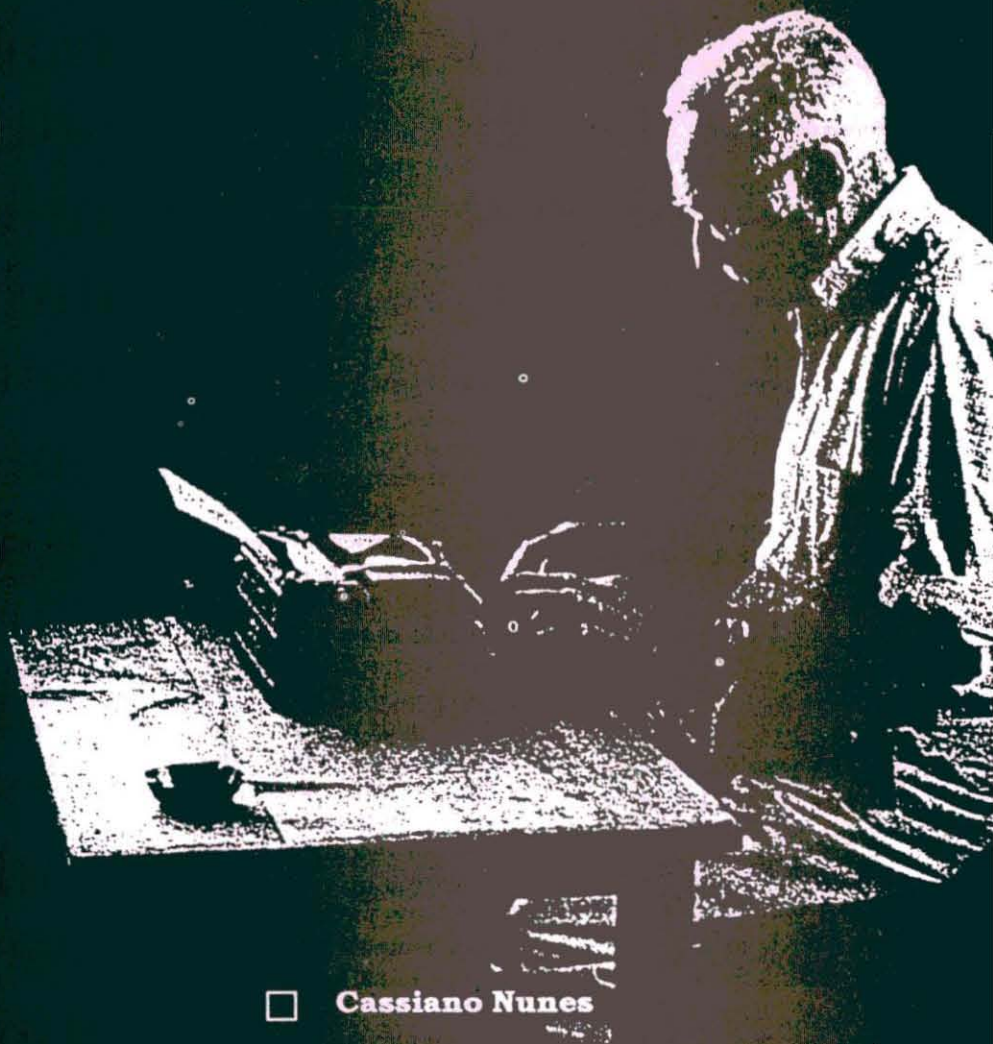
**As histórias
de Tereza**



**Samba
malandro**

Reviver Formosa

ONDINA FERREIRA



□ Cassiano Nunes

O poeta Cassiano Nunes lembra Ondina para mostrar como, em nosso País, as editoras relegam os escritores a segundo plano. Embora talentosa, a autora de "Navio Acorado", entre outros livros, não tem espaço no restrito mercado editorial. Assim como ela, Cassiano aponta outros escritores que não têm chance de mostrar o seu talento.

Noutro dia, um jovem apaixonado pelas Letras, Ângelo Caio Mendes Corrêa Júnior, de São Paulo, com quem me correspondo – não obstante esteja fora do poderoso eixo literário Rio - São Paulo, tenho uma grande correspondência com escritores –, mandava-me notícia da escritora Cacy Cordovil, agora com 85 anos de idade, de quem não ouvia falar há décadas. Nunca a conheci pessoalmente, mas fiquei

bem a par do sucesso do seu livro *Roda de Fogo*, lançado pela editora José Olympio, em 1941. Sérgio Milliet e Álvaro Lins a saudaram com palavras de louvor, calorosas.

Este caso tem bastante semelhança com o de minha amiga Ondina Ferreira, amiga que não vejo há muitos anos, é verdade, mas com a qual nunca deixei de corresponder-me. Acontece, contudo, que embora ambas tenham aparecido nos

primórdios da década de 40, Ondina Ferreira, diferentemente de Cacy Cordovil, não se limitou a soltar um ou dois livros, mas, ao contrário, publicou, diligentemente, mais de uma dezena de romances. Só na editora Saraiva, onde nas funções de consultor literário a recebi e conheci, ela publicou cerca de seis livros. De 1948, data do lançamento de *Navio Acorado* na popular Coleção Saraiva, até 1969, quando se des-



MARCOS ARRUDA
(PSDB)

País que não cuida de zelar pela sua história, pelo seu passado, é um país sem memória e por isso sem futuro. O trabalho do Arquivo Nacional, por zelar pela nossa história, pela nossa identidade, é de suma importância para todos nós, brasileiros. É por intermédio do Arquivo Nacional que cientistas sociais, pesquisadores, professores e demais interessados estudam o nosso País e permitem que nós possamos apontar novos caminhos rumo ao futuro, sem cairmos em erros que cometemos no passado.



RENATO RAINHA
(PL)

A memória da nossa gente, do nosso povo está presente no Arquivo Público do Distrito Federal. Documentos de valor histórico, acumulados ao longo dos anos pelo governo do Distrito Federal, estão guardados para a posteridade e com certeza preservam grande parte da história de nossa cidade e seus moradores. Garantir a boa conservação desses documentos é garantir o nosso passado e, conseqüentemente, as decisões importantes que aqui foram tomadas.

pediu da tradicional editora, ao publicar *Uma só Carne*, a escritora teve constante apoio editorial e, por conseguinte, contacto com o público. Várias vezes também ela recebeu prêmios, importantes pelo seu prestígio. Além disso, Ondina sempre viveu em São Paulo ou no Rio, onde se acha há alguns anos e, portanto, não houve nenhum distanciamento seu com os nossos dois maiores centros literários e editoriais.

Certa vez, epistolarmente, tentei explicar, à talentosa ficcionista, por que existiria um certo retraimento do público feminino com relação aos seus romances. Justificava eu a ausência de um apoio fervoroso das leitoras para os romances de minha amiga porque eles freqüentemente descreviam situações torturantes das mulheres contemporâneas, vítimas ainda não só do machismo mas também dos preconceitos sociais. Esse tema constante – ponderava eu – era motivo de perturbação ou angústia. As mulheres modernas possivelmente desdenhavam essa temática. Estavam mais interessadas em criar um futuro radioso do que em examinar a carga putrefata do passado. A passagem dos anos parece que me deu razão. Ondina Ferreira, se não erro, deixou de encontrar, como antes, a boa acolhida das editoras e das comissões julgadoras de concursos literários.

Imprevistamente, há pouco, me chega às mãos *A Espiral da Solidão*, o mais recente romance de Ondina Ferreira. Chegaram, na verdade, os originais datilografados, aguardando a publicação, ainda

sem conhecer o estado consagrador de livro. Li o romance com interesse e prazer, como nos velhos tempos.

Este romance começa com a luta conjugal, costureira nos romances de Ondina, e passa logo para um tormento que não é menor: uma mãe, moldada no passado, tentando compreender uma filha difícil, que é um modelo dos costumes modernos menos saudáveis. *A Espiral da Solidão*, no meu entender, mantém o nível elevado de realismo objetivo e subjetivo dos outros romances da escritora, publicados pela editora onde atuei durante alguns anos.

Relendo uma das "orelhas" de *Casa de Pedra*, publicado em 1952 pelos meus antigos patrões, reencontro o meu pensamento crítico sobre a autora de *Medo e Chão de Espinhos*: "Ondina Ferreira corresponde no Brasil a Josephine Lawrence ou a Helen Grace Carlisle nos Estados Unidos, isto é, salienta-se como uma romancista que coloca, acima das preocupações de técnica e de forma, a necessidade essencial de expressar a vida. De Helen Grace Carlisle, a emotiva criadora de *The Mother's Cry*, a escritora paulista tem a mesma vibração e calor humano, e de Josephine Lawrence, a narradora sensível e minuciosa de *The Pleasant Morning Light*, possui a mesma capacidade descritiva e fluidez estilística, sensibilidade e toque poético. De igual modo que estas duas escritoras americanas, a autora de *Vento de Esperança* e *Inquietação* nos oferece uma visão feminina do mundo. A mulher aparece,

nos seus romances, analisada e julgada de um ângulo feminino, diferentemente do que acontece na maioria dos livros, em que a mulher é vista, observada, do ângulo masculino".

O que me parece ter ficado mais fortemente da leitura dos livros de Ondina Ferreira foi a convicção de que ela alcançou um nível de realização límpido, satisfatório. Em artigo que escrevi sobre *Navio Acorado*, o primeiro livro que ela me trouxe, salientei a sua boa qualidade formal. Escrevi, então: "Li um dos primeiros livros da Sra. Ondina Ferreira, e confrontando-o agora com *Navio Acorado*, pude observar o progresso estilístico feito pela escritora."

Durante os anos em que Mário da Silva Brito e eu permanecemos na direção literária da editora Saraiva, não faltou a nossa aprovação aos livros de Ondina Ferreira, que chegavam, esperando publicação. Sempre eles nos satisfaziam e a mim especialmente pareciam um avanço qualitativo sobre as criações anteriores.

Lendo, agora, *A Espiral da Solidão*, ainda inédito, e ao que parece pouco desejável pelas editoras do presente, recordo tempos pretéritos e posso afiançar que não mudaram minhas reações nem o meu julgamento neste mundo que sei, presentemente, tão mutável. Com o passar dos anos, a dedicada escritora não perdeu o domínio da forma nem a capacidade criadora. O seu isolamento deve-se, decerto, a uma falta de melhor contacto com as editoras atuais ou mudança nas circunstâncias de tempo, que criam os padrões de julgamento editoriais.